

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Galope do Tempo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1997, 259 p.

Informa a “orelha” deste mais recente livro de poemas, que seu autor “escreve poesia, crônica, ficção, ensaio e literatura infanto-juvenil. Publicou mais de vinte e quatro livros e participou de mais de dez coletâneas com outros escritores” e segue-se considerável lista de colaborações, participações, concursos e festivais internacionais; tradução de poemas seus para sueco, italiano, francês, espanhol e macedônio; inclusões em enciclopédias e antologias; premiado por diversas Instituições, inclusive a A.B.L.

Bem-haja Poeta! Aventurados somos por saber que há quem escreve para quem leia, mesmo que não saiba de quem o privilégio: se de quem é bem lido ou se de quem bem sabe ler, pois “O esforço que se faz, lavrando a pedra, / vale se, nela, uma esperança medra”.

Eminentemente lúdico, *Galope do Tempo*, produz, ou melhor, consubstancia, uma harmônica relação signifiicante/significado, aquela que a lingüística consente e a poética ressalta, aliado a uma linha melódica que Haydn apreciaria em suas incursões palíndrométicas, passe o termo.

Acurado texto, poesia ousada, para expressar o novo e o recorrente, na imanência e transcendência, no passeio/devaneio, no galope/marcha, pois “O tempo, o mundo e a poesia: o canto / ilumina a verdade e acende o espanto”.

Dizer da poesia de Reynaldo Valinho Alvarez é percorrer peregrinamente as vias do que podemos sentir (não as “duas que ele teve”), enlaçados com o bom Cesário ou percorrendo as montanhas de Peer Gynt, do suave Grieg, viajando com Colombo e Odisseu (quem sabe Penélope nos espera!) e a partir da enseada amena, Lisboa, saíamos mundo a fora, mar a dentro (o de Vigo? de Codax!), deixar de ser para parecer pelo imaginário, ou perecer pelo onirismo jazente de Ofélia (e vem-nos à lembrança a pintura de John Everett Millais): “Como Ofélia, outros dormem. Mas nos falamos, / com vozes carinhosas que não calam”.

Querer dizer mais de *Galope do Tempo* é patentear a pobreza de nós leitores, avarentos que pretendemos reter ausentes sensações como se fossem intimamente nossas, deixando ao poeta o papel de apenas nosso “subordinado”, aquele exteriorizador dos sentidos, sentimentos que não conseguimos manifestar, pois já disse Camões que nos “falta saber, engenho e arte”.

Pelo menos, somos devotos amadores do Poeta e co-autores de sua obra, já agora nossa, e participar de um novo despertar:

O fim de um livro é a porta para o nada,
se não se vê no início uma alvorada.

.....
Se não se vê no início uma alvorada,
o fim de um livro é a porta para o nada.

Antonio Basilio Rodrigues

*

VARELA, Maria Helena. *Labirintos e Mapas*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1998, 118 páginas.

A autora, enquanto em Portugal, sua terra natal, dedicava-se ao ensino da Filosofia, do Pensamento Português e da Antropologia e lá publicou o primeiro livro de poesia, *Alegoria do Ser*.

Mas um dia deixou-se alongar olhos e “pensamento” por outra terra e agora é professora visitante de Literatura Portuguesa e História das Idéias na Universidade Federal Fluminense, como reconhecimento pela capacidade sobrejamente demonstrada na Tese de Doutorado, PUC/RJ, *Heterólogos em Língua Portuguesa*, publicada igualmente pela Editora Espaço e Tempo.

Labirintos e Mapas, diz-nos o Professor José Carlos Barcellos, “é um livro que marca um novo patamar no diálogo poético entre Portugal e o Brasil” e, aludindo à formação da poetisa, acrescenta: “É dentro de uma tradição poética não apenas lírica ou épica, mas também filosófica, que surge a inconfundível dicção da poesia que ora se nos oferece”.

O crítico literário interessado e atento logo oferece o manancial de sua bagagem teórica para nos significantes, signos e símbolos, nos ideologemas, variantes e invariantes, metáforas, conotações, temas e formas, evidenciar – com justa propriedade – o valor e a ressonância do texto poético de Marta Helena Varela. Para nós, todavia, menos leitores, a autora revela-se uma “navegadora” em águas – ou espaços – muito suas, ampliando caminhos e enfrentando tempestades; extremamente sensíveis para afrontar fogo e vento, viver sóis e chuvas no inesperado da descoberta e na descoberta do inesperado, em plena excitabilidade e sintonia ampla: “poeta e navegante, / Próximo e distante”, além – ou qualquer outro advérbio – do “Maldito *cogito*, Maldito super ego, / Maldita culpa original... / Ocidente milenário que me pesa e grita / E não me deixa viver / Nem ser eu, / Mulher”, para “Amar e navegar”.